

**LAURENTINO GOMES**

*Autor de 1808, 1822 e 1889*

# ESCRavidÃO

**VOLUME I**

Do primeiro leilão de cativos em Portugal  
até a morte de Zumbi dos Palmares

**GLOBALIVROS**

Material com direitos autorais

LAURENTINO GOMES

# ESCRavidÃO

VOLUME I

Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a  
morte de Zumbi dos Palmares

**Revisão e anotações:**  
Alberto da Costa e Silva

**GLOBALIVROS**

## SUMÁRIO

*Pular sumário [ »»» ]*

Linha do tempo

Introdução

**1 A GRANDE AGONIA**

**2 O LEILÃO**

**3 AS ORIGENS**

**4 EM NOME DE ALÁ**

**5 O PATRONO**

**6 MAR INFINITO**

**7 TERRA DOS PAPAGAIOS**

**8 O MASSACRE**

**9 A ÁFRICA**

**10 A CICATRIZ**

**11 RECONCILIAÇÃO**

**12 O LABORATÓRIO**

**13 RUÍNAS DE UM SONHO**

**14 ANGOLA**

**15 O NEGÓCIO**

**16 OS LUCROS DO TRÁFICO**

**17 OS NÚMEROS**

**18 O NAVIO NEGREIRO**

**19 A CHEGADA**

**20 O BRASIL**

**21 VISÃO DO INFERNO**

**22 A CRUZ E O CHICOTE**

**23 O ATLÂNTICO HOLANDÊS**

**24 A GUERRA PELOS CATIVOS**

**25 O PADRE ETERNO**

**26 O DESTINO DE CATARINA**

**27 O DESTINO DE JINGA**

**28 PALMARES**

**29 ZUMBI**

**30 OURO! OURO! OURO!**

Agradecimentos

Notas

Bibliografia

Termos para pesquisa

Sobre o autor

Créditos

Para meus pais, João e Maria.

*“O Brasil tem seu corpo na América  
e sua alma na África.”*

---

PADRE ANTÔNIO VIEIRA,  
missionário jesuíta na Bahia, 1691

## LINHA DO TEMPO

Alguns acontecimentos que marcaram a história do Brasil e do mundo entre o início da escravidão africana no Atlântico e o fim do século XVII.

- 1444** Registro do primeiro leilão de africanos escravizados em Portugal, diante do infante dom Henrique na vila de Lagos, Algarve.
- 1453** Tomada de Constantinopla pelos turco-otomanos.
- 1454** Publicação da *Bíblia de Gutemberg*, primeiro livro impresso na Europa.
- 1455** Pela bula *Romanus Pontifex*, o papa Nicolau V autoriza os portugueses a escravizar os infiéis entre o Marrocos e a Índia.
- 1456** Os portugueses chegam ao Arquipélago de Cabo Verde, até então desabitado.
- 1484** Início da colonização da Ilha de São Tomé.
- 1485** O rei do Congo se converte ao cristianismo.
- 1488** O português Bartolomeu Dias cruza o Cabo da Boa Esperança.
- 1492** Chegada de Cristóvão Colombo à América.  
Construção do Castelo de São Jorge da Mina, ou Elmina, primeiro grande entreposto de tráfico de

escravos na costa da África.

**1494** No Tratado de Tordesilhas, Portugal e Espanha dividem o mundo entre si.

**1496** Judeus de Portugal são obrigados a se converter ao cristianismo.

**1498** A esquadra de Vasco da Gama chega à Índia.

**1500** Em 22 de abril, Pedro Álvares Cabral chega à Bahia. O total de escravos comprados ou capturados na África pelos portugueses chega a 150 mil.

No Império Africano de Bornu, um cavalo árabe vale entre quinze e vinte escravos.

**1501** Início oficial do tráfico de africanos para os domínios espanhóis nas Américas.

**1503** Leonardo da Vinci pinta a *Monalisa*.

**1511** A nau *Bretoa* chega a Portugal levando papagaios, peles de onça-pintada, toras de pau-brasil e 35 índios brasileiros cativos.

**1513** Maquiavel escreve *O príncipe*.

**1515** Leilão de 85 índios brasileiros escravizados em Valência, na Espanha.

**1517** Início da Reforma Protestante.

**1519** O espanhol Hernán Cortés conquista o México.

**1530** Martim Afonso de Sousa dá início à colonização do Brasil.

**1534** O Brasil é dividido em Capitânicas Hereditárias. Criação da Companhia de Jesus por Inácio de Loyola. Michelangelo pinta o *Juízo Final* no teto da Capela Sistina.

- 1535** Engenhos de açúcar começam a funcionar em Pernambuco.  
Notícias da chegada dos primeiros escravos africanos ao Brasil.
- 1545** São Vicente, a capitania de Martim Afonso de Sousa, tem cerca de 3 mil índios escravizados.
- 1549** Chegada dos primeiros jesuítas ao Brasil.
- 1554** Fundação da cidade de São Paulo.
- 1555** Os franceses ocupam a Baía de Guanabara até 1567.
- 1565** Fundação da cidade do Rio de Janeiro.
- 1575** Paulo Dias de Novais dá início à ocupação portuguesa em Angola.
- 1577** O corsário Francis Drake inicia, na Inglaterra, a sua volta ao mundo.
- 1580** Começa a União Ibérica; o trono de Portugal passa para a Espanha.
- 1585** A população do Brasil é de 60 mil habitantes, sem contar os índios arredios.
- 1600** A população indígena da América é estimada em 10 milhões, apenas um quinto do número existente na época da chegada dos europeus.  
No Brasil, epidemias de varíola dizimam dezenas de milhares de índios.
- 1605** Miguel de Cervantes publica *Dom Quixote*.
- 1608** Invenção do telescópio, na Holanda.  
Nasce em Lisboa o futuro padre Antônio Vieira.
- 1612** Os franceses invadem São Luís do Maranhão e permanecem até 1615.

- 1618** Começa na Europa a Guerra dos Trinta Anos, em que morreriam cerca de 8 milhões de pessoas.
- 1621** Criada na Holanda a Companhia das Índias Ocidentais.
- 1627** Frei Vicente do Salvador publica a primeira *História do Brasil*.
- 1630** Após um ataque frustrado à Bahia, os holandeses ocupam Pernambuco.  
Jinga, a rainha africana, enfrenta as tropas portuguesas em Angola.
- 1632** O bandeirante Raposo Tavares escraviza entre 40 mil e 60 mil índios.
- 1637** São Luís do Maranhão tem 250 habitantes. Belém, no Pará, apenas oitenta.
- 1640** Fim da União Ibérica.  
O duque de Bragança sobe ao trono em Portugal como rei dom João IV.  
O preço de venda total do açúcar produzido no Brasil equivale a dezoito toneladas de ouro.
- 1641** Os holandeses ocupam Luanda, Benguela e São Tomé.
- 1648** Tropas brasileiras de Salvador de Sá e Benevides expulsam os holandeses de Angola.
- 1654** Os holandeses são expulsos do Recife.
- 1660** Criada em Londres a Royal African Company (RAC), que teria o monopólio do tráfico de escravos na Inglaterra.
- 1662** A portuguesa Catarina de Bragança se casa com o rei

Charles II e dá início ao consumo de chá na Inglaterra.

**1665** Tropas brasileiras e portuguesas destroem o Reino do Congo na Batalha de Ambuíla.

**1666** Londres é devastada por um incêndio.

**1672** A cidade do Rio de Janeiro abriga 4 mil habitantes brancos e 20 mil negros africanos.

**1675** O bandeirante Domingos Jorge Velho abre o caminho que liga São Paulo e Minas Gerais.

**1683** No ataque a Viena, os turco-otomanos escravizam 8 mil cristãos, todos brancos.

**1687** São Paulo tem 1,5 mil moradores brancos e 10 mil escravos indígenas.

Isaac Newton publica *Principia*, que revoluciona o conhecimento sobre o universo.

**1694** Estima-se em 2 milhões o total de escravos escravizados pelos tártaros na Crimeia nos duzentos anos anteriores.

No mesmo período, outros 2,5 milhões de escravos brancos foram comercializados pelos turco-otomanos no Mediterrâneo.

**1695** Depois de quase um século de resistência, o Quilombo dos Palmares é destruído em Alagoas. A cabeça degolada de Zumbi dos Palmares é exibida num poste no Recife.

**1697** Chegam a Salvador as primeiras notícias de que há ouro em Minas Gerais.

**1700** A população total do Brasil é estimada em 300 mil

habitantes.

## INTRODUÇÃO

MARCELIN NORBERTO DE SOUZA veste-se à moda africana: camisa colorida em tom rosa-choque, mangas curtas e fraldas soltas sobre as calças de tecido leve da mesma cor. Está sentado em um sofá modesto, de três lugares e estampas quadriculadas, de costas para a parede de uma pequena sala de teto baixo e janelas fechadas, sem ventiladores ou ar-condicionado. A penumbra do ambiente contrasta com a intensa luminosidade lá fora. É um homem sorridente, de olhar meigo, cabelos e bigodes brancos que realçam a pele negra. A voz é grave e rouca. Na aparência e no jeito sossegado de falar, lembra um pouco o compositor baiano Dorival Caymmi.

Em Ajudá,\* litoral da República do Benim, a quarenta quilômetros da fronteira com o Togo, região quente e úmida da África, perpendicular à Linha do Equador, tudo remete à Bahia. Na praça central, de terra batida, um grupo de moradores protege-se do sol forte do meio-dia à sombra de uma antiga e frondosa gameleira, árvore sagrada do candomblé, de cujos ramos balançam ao vento dezenas de fitas coloridas. Foram colocadas ali em memória dos mortos da comunidade e em homenagem às muitas divindades locais, aparentadas dos orixás, que em Ajudá são chamadas de *voduns* — mesma denominação que recebem nos terreiros de tradição jeje de Salvador e do Recôncavo Baiano. A faixa mais longa e mais colorida, uma peça inteira de tecido que

recobre todo o tronco da árvore, das raízes aos galhos mais altos, é dedicada à serpente Dan, a deusa do arco-íris, princípio de tudo, a rainha entre todos os *voduns*.

Aos 92 anos, Marcelin Norberto é o patriarca da nona geração da família De Souza, dinastia fundada no Reino do Daomé, hoje parte da República do Benim,\* no final do século XVIII pelo baiano Francisco Félix de Souza, um dos personagens mais extraordinários da história do Brasil. Mulato claro nascido em Salvador, Francisco Félix ainda jovem mudou-se para a África, onde passou a dedicar-se ao mais lucrativo negócio da época: o tráfico de escravos. Em pouco tempo, tornou-se o mais rico, famoso e influente mercador de gente na costa africana, com numerosa clientela no Brasil. Teria embarcado mais de meio milhão de cativos para o Recôncavo Baiano. Ao morrer, em 1848, aos 94 anos, deixou 53 mulheres viúvas, mais de oitenta filhos e 2 mil escravos. Teria acumulado uma fortuna hoje equivalente a 120 milhões de dólares.<sup>[1]</sup> Francisco Félix foi tão importante no comércio de escravos que ganhou do rei Guezo, do Daomé, seu amigo e sócio no tráfico negreiro, o título de chachá — honraria hereditária que desde então vem passando de geração em geração dentro da família De Souza. Quando cheguei à República do Benim, em novembro de 2017, acabara de morrer o oitavo chachá, Honoré Feliciano Julião Francisco de Souza. Caberia ao patriarca Marcelin Norberto anunciar e organizar a entronização do novo detentor do título, cujo nome, àquela altura, era ainda desconhecido fora de um círculo familiar mais restrito.

Os descendentes de Francisco Félix estão hoje espalhados

por quatro países africanos — República do Benim, Nigéria, Togo e Costa do Marfim —, onde ocupam posições de grande importância na hierarquia social, muitas vezes à frente de grupos ou forças políticas rivais. Um deles, o general Paul-Émile de Souza, foi presidente da junta que, entre 1969 e 1970, governou o Benim quando o país ainda se chamava Daomé e vivia sob uma ditadura militar. Outro, o arcebispo Isidore de Souza, presidiu o Alto Conselho da República, responsável pela redemocratização ao fim do mesmo regime, em 1990. A lista inclui ainda *vodunsis* (sacerdotisas de *vodun*), políticos, advogados, agricultores, bancários, carpinteiros, motoristas, comerciantes, construtores, costureiras, enfermeiros, escritores, fotógrafos, funcionários públicos, jornalistas, mecânicos, médicos, músicos, parteiras, professores e pedreiros, entre outras pessoas das mais diversas atividades e profissões.

Brasileiros, embora relativamente raros nesta parte da África, são sempre bem-vindos em Ajudá. Por esse motivo, a primeira providência de Marcelin Norberto ao receber um novo visitante é sempre lhe pedir os contatos — telefone, e-mail, endereço de correspondência. É o que faz comigo antes ainda que eu me sente ao seu lado no sofá de estampas quadriculadas. “Para futuras comunicações de nosso interesse comum”, explica. Em seguida, informa que uma de suas missões é manter vivas as tradições da família, os traços da cultura brasileira presentes no Benim e os laços que unem esta região ao Brasil. “A que devo a honra da visita?”, ele me pergunta, em francês, o idioma oficial do país. Respondo que esta é minha quarta viagem à África, de um

total de cinco, parte do trabalho de pesquisas para uma série de três livros-reportagem sobre a história da escravidão no Brasil. “Há muita coisa para ver aqui”, adianta ele.

E, de fato, as marcas da escravidão e seus estreitos vínculos com o Brasil podem ser observados por todo lado neste ponto do litoral africano.

A algumas centenas de metros da casa de Marcelin Norberto, ergue-se a antiga Fortaleza de São João de Ajudá, o mais importante entreposto de tráfico negreiro português e brasileiro no Golfo do Benim até a metade do século XIX. Na praça em frente, emoldurada pela frondosa gameleira sagrada do candomblé, pessoas capturadas no interior do continente eram arrematadas em concorridos leilões. Também ali começa a Rota dos Escravos, uma estrada de terra de três quilômetros que termina na praia, última parte da jornada que os cativos faziam em solo africano antes de embarcarem nos navios negreiros para a travessia do Atlântico. No local da partida, junto à areia batida por ondas agitadas, ergue-se hoje a Porta do Não Retorno, memorial da Unesco (a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) em homenagem às legiões de seres humanos que dali partiram sem esperança de voltar a ver a terra em que haviam nascido.

O monumento de Ajudá é uma entre muitas Portas do Não Retorno que se pode conhecer na África atualmente. Existem dezenas delas, em vários países, marcando os antigos pontos de embarque de escravos. O banco de dados Slave Voyages, que cataloga cerca de 36 mil viagens dos navios negreiros ao longo de três séculos e meio, registra um

total de 188 portos de partida de cativos no continente africano, sendo que 20 deles responderam por 93% do total do tráfico no Atlântico.<sup>[2]</sup> A mais famosa e mais fotografada dessas “portas” fica na Ilha de Goreia, situada na Baía de Dacar, a capital do Senegal. Foi visitada por diversas celebridades internacionais, incluindo o papa João Paulo II e os presidentes Barack Obama, dos Estados Unidos, e Nelson Mandela, da África do Sul. O brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva, que lá esteve em 2005, aproveitou a viagem para pedir “perdão pelo que fizemos aos negros”, atitude que o português Marcelo Rebelo de Sousa preferiu evitar ao também passar pelo local, doze anos mais tarde. “A dor da escravidão é como a dor de um cálculo renal; não adianta contar, só sentindo”, ponderou Lula.

Embora menos conhecida, a Porta do Não Retorno de Ajudá se destaca entre todas as demais pelo número de cativos que por ali passaram: mais de 1 milhão de homens, mulheres e crianças embarcados à força nos navios do tráfico para uma jornada sem volta que os levaria aos engenhos de açúcar, às lavouras de café, arroz, algodão e tabaco, às minas de prata, ouro e diamantes e para a execução de inúmeras outras atividades no outro lado do oceano.

Para a imensa maioria dos escravos vendidos aos traficantes em Ajudá ou em qualquer outro local da África, a Porta do Não Retorno foi uma realidade concreta e inexorável. Quase a totalidade dos 12,5 milhões de embarcados nos navios negreiros jamais teve a oportunidade de voltar às suas origens africanas. Os índices de

mortalidade eram altíssimos. Pelo menos 1,8 milhão morreu ainda na travessia do Atlântico. Entre os que chegavam ao Novo Mundo, as expectativas de vida eram mínimas. Poucos sobreviveram aos primeiros anos de trabalho cativo. Uma minoria, no entanto, teve destino diferente. São os *retornados*, ex-escravos, africanos ou brasileiros, que tiveram a chance de cruzar novamente o Atlântico, no sentido contrário ao das rotas convencionais do tráfico, e cujos descendentes hoje habitam a República do Benim e países vizinhos.

Essas linhagens familiares nascidas de ex-cativos brasileiros são conhecidas como agudás e carregam sobrenomes como Souza (ou Sousa), Silva, Santana, Chagas, Santos, Almeida e Medeiros. Alguns de seus fundadores chegaram à África expulsos da Bahia depois da chamada Revolta do Malês, importante insurreição africana ocorrida no Brasil em 1835 e comandada por cativos muçulmanos.<sup>[3]</sup> Outros retornaram por vontade própria depois de obter a alforria ainda durante o período do cativo ou após a assinatura da Lei Áurea, que aboliu formalmente a escravidão, em 13 de maio de 1888.

Entre os atuais descendentes dos *retornados*, poucos ainda falam português ou têm algum contato direto com o Brasil. A maioria se comunica em francês, inglês ou em um dos muitos idiomas locais. Ainda assim, festejam o Carnaval e o dia de Nosso Senhor do Bonfim, se reúnem para comer feijoada, dançam a “burrinha”, uma forma arcaica do bumba meu boi, e torcem pela seleção brasileira de futebol. A herança do Brasil também é visível na arquitetura. Em Porto

Novo, a capital constitucional do Benim, próxima à fronteira com a Nigéria, existe até uma mesquita com estilo arquitetônico de igreja católica brasileira erguida por pedreiros, marceneiros e mestres de obras agudás no século XIX. Em Lagos, na Nigéria, a antiga Mesquita Central, construída segundo os planos do mestre de obras agudá João Baptista da Costa, foi demolida há alguns anos para dar lugar a um templo modernoso, financiado pela Arábia Saudita. Tinha feições de igreja jesuíta brasileira. A Mesquita Shitta, também em Lagos, foi erguida no estilo brasileiro e ainda está de pé.

Alvo de antigos e arraigados preconceitos, a África permanece um desafio para a civilização tecnológica e industrial do século XXI. No imaginário popular, alimentado quase diariamente por notícias ruins ou sensacionalistas, o continente africano hoje oscila entre a visão do paraíso primevo e idílico das savanas coalhadas de animais selvagens e o espectro de um lugar assolado por tragédias humanitárias, guerras civis, epidemias de fome, de doenças como o ebola e recorrentes imagens de imigrantes ilegais que arriscam suas vidas na travessia do Mediterrâneo em balsas precárias em busca de vida melhor na Europa. Nas minhas viagens de pesquisa, pude constatar que a África real, em muitos aspectos, assemelha-se ao Brasil. Tem, sim, pobreza, corrupção, mazelas e problemas. Ao mesmo tempo, tem países de economia dinâmica, gente trabalhadora e empreendedora, legiões de estudantes que, em número cada vez maior, frequentam universidades e centros de pesquisas.

Há, sim, bolsões de violência, causados por guerras civis e religiosas, em lugares como a região norte da Nigéria, a República Democrática do Congo, o Sudão e a Somália. Em compensação, é possível andar na rua sem medo de roubos, assaltos ou agressões físicas, a qualquer hora do dia ou da noite, em capitais como Dacar (Senegal), Acra (Gana), Cotonou (sede do governo do Benim), Praia (Cabo Verde) e Maputo (Moçambique) — coisa que raros brasileiros se arriscariam a fazer em metrópoles como Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife.

Essa África de história milenar, berço da humanidade, de cultura riquíssima, complexa e diversa permanece como um desafio também para nós brasileiros, especialmente os de ascendência branca e europeia, que mantemos com nossa raiz africana uma relação contraditória, marcada por duas atitudes extremas: de um lado, o mais cru preconceito racial; de outro, a celebração ufanista e irreal das heranças africanas, como nos festejos de Carnaval, sem reconhecer, entretanto, que os responsáveis por elas — os negros e seus descendentes — nunca tiveram o mesmo tratamento e as mesmas oportunidades usufruídas por brasileiros de outras origens.

A relação contraditória do Brasil com a África tem profundas raízes históricas e pode ser observada ainda nos dias atuais no próprio continente africano. Os primeiros soberanos a reconhecer a independência brasileira, em 1822, foram dois reis africanos: o obá Osenwede, do Daomé (atual Benim), e o ologum Ajan, de Lagos (hoje cidade da Nigéria).<sup>\*</sup> Eram ambos grandes exportadores de escravos. Na direção

oposta, em 11 de novembro de 1975, o Brasil tornou-se o primeiro país a reconhecer Angola como um país independente, decisão que causou surpresa, levando-se em conta que o novo país nascia sob a bandeira marxista do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), enquanto os brasileiros viviam sob uma ditadura militar inaugurada em 1964 com o pretexto de combater o comunismo. Nos dias atuais, esse relacionamento tem se pautado mais por discursos e protocolos de intenções do que por ações e decisões práticas. O último surto de aproximação ocorreu durante os catorze anos de administração petista, em que o governo brasileiro derramou farto dinheiro destinado a obras de infraestrutura em diversos países africanos, usando como duto empreiteiras que, mais tarde, seriam denunciadas na Operação Lava-Jato, de combate à corrupção.

Na época de minhas viagens à África, já depois do processo que levou ao impeachment da presidente Dilma Rousseff, o clima era de visível má vontade de parte a parte. As marcas brasileiras iam, uma vez mais, desaparecendo da paisagem africana. Encontrei obras paradas, projetos interrompidos, representações diplomáticas, associações e entidades de intercâmbio cultural com dificuldades para pagar as contas, incluindo o aluguel, como resultado dos cortes ao orçamento brasileiro destinado a essas áreas e iniciativas. Entre os governos locais, até pouco tempo antes habituados a conviver com a generosidade do dinheiro farto do BNDES e com outras linhas de financiamento brasileiras, imperava um ambiente de franca revolta contra o governo

do então presidente Michel Temer, no qual a torneira se fechou.

Em Acra, capital de Gana, visitei o bairro dos Tabons, outro grupo de *retornados* brasileiros. Ali existe uma rua do Brasil e um prédio igualmente identificado como *Brazil House* (Casa do Brasil). Reformado com dinheiro da empreiteira Camargo Corrêa, com o propósito de ser um museu e um memorial à presença brasileira em Gana, o edifício foi inaugurado em 2005 com uma grande festa na qual o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva vestiu-se como rei africano e foi tratado como tal. Passada a festa, o governo brasileiro não se preocupou em negociar a desocupação do edifício com a família ganesa que até então reivindicava a posse ancestral do imóvel. Em 2017, seus representantes pediam uma indenização entre 2 milhões e 3 milhões de dólares, dinheiro que o governo brasileiro, por meio de sua embaixada em Gana, obviamente, se recusava a pagar. Diante do impasse, nenhum visitante era autorizado a entrar ou mesmo fotografar a *Brazil House*. Tive a oportunidade de observá-la apenas por fora e de longe, sob o olhar vigilante da família ganesa que, avisada com antecedência da minha chegada, havia estendido uma faixa na frente do prédio explicando quem eram exatamente os proprietários.

O vácuo deixado pela relutante presença brasileira é hoje ocupado na África pelos chineses, cujos projetos estão espalhados por todos os lugares. Encontrei-os em Cabo Verde, Angola e Moçambique — para citar apenas os três países de língua portuguesa que visitei no meu trabalho de

reportagem. São obras gigantescas, identificadas com placas, também enormes, escritas em mandarim, o idioma predominante na China. No bairro de Talatona, em Luanda, a capital angolana, pude observar o canteiro de obras de um novo edifício público cercado por arame farpado. Lá dentro, labutava parte dos 100 mil trabalhadores chineses que, em condições difíceis de apurar, atualmente abrem estradas, constroem hospitais, escolas, usinas hidrelétricas, portos, dutos, refinarias de petróleo e uma infinidade de outras instalações em todo o país. A agressividade chinesa pode ser medida, entre outras providências, pela criação do Fórum de Macau, organismo de cooperação entre a China e as nações lusófonas da África, iniciativa que tem o óbvio propósito de se contrapor à CPLP, a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, que tem o Brasil entre seus membros fundadores.

Enquanto isso, a África continua dentro do Brasil. Forte e predominante, como sempre esteve.

O Brasil foi o maior território escravista do hemisfério ocidental por quase três séculos e meio. Recebeu, sozinho, quase 5 milhões de africanos cativos, 40% do total de 12,5 milhões embarcados para a América. Como resultado, é atualmente o segundo país de maior população negra ou de origem africana do mundo. Os afrodescendentes brasileiros, classificados nos censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como pretos e pardos, somam hoje cerca de 115 milhões de pessoas, número inferior apenas à população da Nigéria, de 190 milhões de habitantes, e

superior à da Etiópia, o segundo país africano mais populoso, com 105 milhões. O Brasil foi também a nação que mais tempo resistiu a acabar com o tráfico negreiro e o último a abolir oficialmente o cativeiro no continente americano, em 1888 — quinze anos depois de Porto Rico e dois depois de Cuba.

O tráfico de africanos escravizados no Brasil começou por volta de 1535, algumas décadas depois da chegada da esquadra de Pedro Álvares Cabral à Bahia, em 1500. O objetivo inicial do comércio de gente era fornecer mão de obra para a indústria do açúcar no Nordeste, a primeira importante atividade econômica colonial, mas rapidamente se propagou por todos os segmentos da sociedade e da economia. Três séculos mais tarde, na época da Independência, praticamente todos os brasileiros livres eram donos de escravos, incluindo inúmeros ex-cativos que também tinham seus próprios cativos. A presença de africanos nas ruas e lavouras brasileiras surpreendia os viajantes que por aqui passavam. No interior do país, eram agricultores, tropeiros, marinheiros, pescadores, vaqueiros, mineradores de ouro e diamante, capangas e seguranças de fazendas. Nas cidades, trabalhavam como empregados domésticos, sapateiros, marceneiros, vendedores ambulantes, carregadores de gente e mercadoria, açougueiros, entre muitas outras funções.

A escravidão é um fenômeno tão antigo quanto a própria história da humanidade. No mundo inteiro, desde a mais remota Antiguidade, da Babilônia ao Império Romano, da China Imperial ao Egito dos Faraós, das conquistas do Islã

na Idade Média aos povos pré-colombianos da América, milhões de seres humanos foram comprados e vendidos como escravos. Provinham de todas as regiões, raças e linhagens étnicas, incluindo eslavos (designação que originou a palavra “escravo”) de olhos azuis das regiões do Mar Báltico. A descoberta e a ocupação de um novo continente pelos europeus na virada do século XV para o XVI, porém, adicionaria ingredientes inteiramente novos a essa história. Nada foi tão volumoso, organizado, sistemático e prolongado quanto o tráfico negreiro para o Novo Mundo: durou três séculos e meio, promoveu a imigração forçada de milhões de seres humanos, envolveu dois oceanos (Atlântico e Índico), quatro continentes (Europa, África, América e Ásia) e quase todos os países da Europa e reinos africanos, além de árabes e indianos que dele participaram indiretamente. Além disso, redesenhou a demografia e a cultura da América, cujos habitantes originais, os indígenas, foram dizimados e substituídos por negros escravizados. Até 1820, para cada branco europeu que aportava no continente americano, chegavam outros quatro africanos cativos.<sup>[4]</sup> Também, pela primeira vez, escravidão se tornou sinônimo da cor de pele negra, origem da segregação e do preconceito racial que ainda hoje assustam e perturbam a convivência entre as pessoas em muitos países, caso do Brasil e dos Estados Unidos.

Até meados do século XIX, com exceção dos próprios cativos, quase todos os demais seres humanos estiveram envolvidos, participaram ou lucraram com o tráfico negreiro, incluindo reis e chefes africanos, que forneciam

escravos para seus parceiros europeus. Na Europa, o negócio do tráfico negreiro nunca foi restrito aos países mais ativos na colonização da América, caso de Portugal, da Espanha e Inglaterra. Entre os demais participantes, estavam os alemães, os italianos, os suecos e os dinamarqueses. A Inglaterra, baluarte do abolicionismo no século XIX, fora a maior traficante de escravos no século anterior. Por volta de 1780, os ingleses transportavam em média 35 mil cativos por ano da África, numa frota de aproximadamente noventa navios negreiros. O primeiro grande traficante inglês, John Hawkins, tinha como sócia ninguém menos do que a rainha Elizabeth I, a mesma soberana que foi a mecenas do poeta William Shakespeare.<sup>[5]</sup> Fernando, rei da Espanha, chamado de “Atleta de Cristo” pelo papa Alexandre VI, assinou o primeiro *assiento*, alvará de licença para o transporte de escravos em larga escala para o Império Colonial Espanhol na América.<sup>[6]</sup>

Hoje, parece inconcebível que algo de tamanhas proporções tenha ocorrido. A história, porém, demonstra que, para os europeus, a ideia de que a escravidão seria inaceitável do ponto de vista moral desabrochou apenas no finalzinho do século XVIII, com o nascimento do abolicionismo britânico. “Antes disso, a compra e a venda de seres humanos eram tão comuns e naturais quanto o comércio de quaisquer outras mercadorias e produtos”, observaram os historiadores David Eltis e David Richardson. “A participação no tráfico negreiro no Atlântico até o século XIX era definida pela oportunidade, e não pela moralidade.”<sup>[7]</sup> Cabe acrescentar que a abolição do cativo

na América não significou o fim da escravidão em outras partes do mundo. Até recentemente, diversos Estados ainda mantinham a instituição. Os últimos a aboli-la legalmente foram a Etiópia, em 1942; o Marrocos, em 1956; a Arábia Saudita, em 1962; e a Mauritânia, em 2007.<sup>[8]</sup> Em resumo, a escravidão ainda existia e era oficialmente tolerada até pouco mais de uma década atrás, neste mesmo século XXI, quando a imensa maioria dos seres humanos hoje vivos já tinha nascido.

Desde tempos imemoriais até muito recentemente, portanto, a captura, a venda e o cativeiro de gente foi parte da vida de quase todos os povos e sociedades. Essa triste realidade, infelizmente, ainda persiste nos dias de hoje sob outros disfarces. Legalmente, nenhum país admite mais a escravidão nos moldes antigos, em que seres humanos podiam ser comprados ou vendidos como mercadorias. Ainda assim, muitos a permitem na prática, incluindo o Brasil, onde é recorrente o noticiário sobre pessoas submetidas a condições de trabalho análogas ao cativeiro, exploradas mediante o pagamento de salários irrisórios (ou nem isso), privadas da liberdade de ir e vir, em ambientes sórdidos ou insalubres que, muitas vezes, se assemelham aos das senzalas e dos engenhos de cana-de-açúcar do século XVII.

Uma organização britânica, a Anti-Slavery International — mais antiga entidade de defesa dos direitos humanos, sucessora da British Anti-Slavery Society, fundada em 1823 para combater o tráfico negreiro —, estima que existam, hoje, mais escravos no mundo do que em qualquer período

durante os 350 anos de escravidão africana na América. Seriam 40 milhões de pessoas vivendo nessas condições — ou seja, mais do que o triplo do total de cativos traficados no Atlântico até meados do século XIX. Segundo os dados da mesma instituição, cerca de 800 mil pessoas são traficadas internacionalmente ou mantidas sob alguma forma de cativeiro, impossibilitadas de retornar livremente e por seus próprios meios aos locais de origem. Nada disso é surpreendente, considerando-se o alto índice de pobreza prevalente no planeta: calcula-se que, em todo o mundo, 3,4 bilhões de seres humanos (quase a metade do total da população) sobrevivam com uma renda igual ou inferior a 3,20 dólares por dia, o equivalente a pouco mais de 12 reais, valor insuficiente para assegurar as necessidades mínimas de alimentação, moradia e outros cuidados básicos.

Por essas e outras razões, ao contrário do que se imagina, a escravidão e seu legado (presente, por exemplo, no preconceito racial) não estão confinados aos museus, livros didáticos e de história, como se fossem assuntos encerrados, tombados ou congelados no passado. São, em vez disso, parte de uma agenda cada vez mais urgente e decisiva na realidade brasileira e mundial de hoje, a ponto de extrapolar os estudos acadêmicos e as salas de aula para se converter em bandeira política, forte o suficiente para incendiar controvérsias nas redes sociais, influenciar programas de partidos e governos e definir resultados de eleições.

Nada disso, porém, é novidade. Em 1937, ou seja, cinco décadas após a Lei Áurea, o antropólogo alagoano Arthur Ramos, um dos pioneiros no estudo do tema no Brasil,

alertava para a persistência de diferentes formas de exploração do negro.<sup>[9]</sup> Uma delas seria justamente de natureza política. Nesse caso, haveria um esforço deliberado de adulteração ou reinterpretação de fatos, personagens e fenômenos históricos com propósitos políticos. Ecos desse fenômeno podem ser ouvidos ainda hoje no Brasil, e com intensidade cada vez maior, quando o debate das campanhas eleitorais incorpora tentativas de capitalizar tensões raciais subjacentes na sociedade em favor de partidos ou candidatos. “A escravidão se tornou um assunto politicamente sensível, contaminado por interesses e bandeiras ideológicas que, muitas vezes, dificultam seu estudo de forma objetiva”, observou o historiador norte-americano Paul E. Lovejoy.<sup>[10]</sup>

O Brasil dos colonizadores europeus foi construído por negros, mas sempre sonhou ser um país branco. Essa atitude, ainda na interpretação de Arthur Ramos, estaria presente em textos, sermões, discursos e crônicas de viagem da época da colônia até o Segundo Império, que representavam os africanos e seus descendentes como seres “pitorescos”, “interessantes”, “exóticos”, quando não “selvagens” ou “pagãos”, a serem salvos da barbárie no seio da Igreja Católica e, portanto, muito diferentes do biotipo padrão dos observadores, todos eles invariavelmente brancos e de ascendência europeia. Essa visão apareceria também no romantismo e no lirismo piegas do movimento abolicionista do século XIX, em poemas como “O navio negreiro”, de Castro Alves. Seria, nesse caso, reflexo de uma atitude paternalista e culposa de parte da elite intelectual brasileira,

aí incluídos escritores e poetas, que enxergaria o negro como um ser ingênuo e incapaz, a ser protegido em nome dos altos valores morais da civilização ocidental, mas ao qual não se dava, de fato, direito de voz e participação nos destinos da sociedade.

No Brasil do século XIX, em paralelo ao movimento abolicionista, havia projetos de “branqueamento” da população, com o apoio disseminado entre os dirigentes e intelectuais tanto do império quanto do movimento republicano. Os programas de imigração europeia tinham exatamente esse objetivo: eram uma forma de contrabalançar o número e a influência dos africanos no Brasil, que, na visão das autoridades da época, seria excessivo e comprometeria o desenvolvimento futuro do país. “O Brasil não é, nem deve ser, o Haiti”, alertava, em 1881, o crítico literário, promotor, juiz e deputado sergipano Silvio Romero. “A vitória na luta pela vida, entre nós, pertencerá, no porvir, ao branco”, insistia em seu livro *A literatura brasileira e a crítica moderna*, de 1880. Para isso, defendia, seriam necessários, “de um lado, a extinção do tráfico africano e o desaparecimento constante dos índios, e, de outro, a imigração europeia”.

Em 1877, o médico cearense Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho, político e proprietário de terras em São Paulo, assustava-se com as estatísticas populacionais brasileiras, chamando atenção para o fato de que, num contingente de cerca de 10 milhões de pessoas, apenas 3,8 milhões pertenciam à raça branca, enquanto os mais de 6 milhões restantes distribuíam-se entre negros, índios e

mestiços. Era preciso, dizia, urgentemente, equilibrar e “aperfeiçoar as raças” no Brasil, “em ordem a melhorar e não a retrogradar, pois o africano deve cruzar com o mulato, e este com o branco”. Pelos seus cálculos, nesse processo de miscigenação, o Brasil se tornaria branco e, portanto, livre de seus traços africanos em cinco gerações.<sup>[11]</sup> Alguns anos mais tarde, o médico e escritor maranhense Raymundo Nina Rodrigues, outro pioneiro no estudo da África brasileira, afirmava em seu livro clássico *Os africanos no Brasil*:

*A raça negra no Brasil, por maiores que tenham sido os seus incontestáveis serviços à nossa civilização [...], há de constituir sempre um dos fatores da nossa inferioridade como povo. [...] Consideramos a supremacia imediata ou mediata da raça negra nociva à nossa nacionalidade.*<sup>[12]</sup>

Ainda segundo Nina Rodrigues, o Quilombo dos Palmares, no interior da então capitania de Pernambuco (hoje estado de Alagoas), teria sido, no século XVII, “a maior das ameaças à civilização do futuro povo brasileiro”, uma vez que, se bem-sucedido, transformaria o Brasil em um “novo Haiti refratário ao progresso e inacessível à civilização”.

Oficialmente, a escravidão acabou em 1888, mas o Brasil jamais se empenhou, de fato, em resolver “o problema do negro”, segundo expressão usada pelo próprio Nina Rodrigues. Liberdade nunca significou, para os ex-escravos e seus descendentes, oportunidade de mobilidade social ou melhoria de vida. Nunca tiveram acesso a terras, bons

empregos, moradias decentes, educação, assistência de saúde e outras oportunidades disponíveis para os brancos. Nunca foram tratados como cidadãos. Os resultados aparecem nas estatísticas a respeito da profunda e perigosa desigualdade social no país:

- Negros e pardos — classificação que inclui mulatos e uma ampla gama de mestiços — representam 54% da população brasileira, mas sua participação entre os 10% mais pobres é muito maior, de 78%. Na faixa dos 1% mais ricos da população, a proporção inverte-se. Nesse restrito e privilegiado grupo, situado no topo da pirâmide de renda, somente 17,8% são descendentes de africanos.
- Na educação, enquanto 22,2% da população branca têm 12 anos de estudo ou mais, a taxa é de 9,4% para a população negra. O índice de analfabetismo entre os negros em 2016 era de 9,9%, mais que o dobro do índice entre os brancos. A brutal diferença se repete na taxa de desemprego, de 13,6% e 9,5%, respectivamente. Os negros no Brasil ganham em média R\$ 1.570,00 por mês, enquanto a renda média entre os brancos é de R\$ 2.814,00.<sup>[13]</sup>
- Nos cursos superiores, em 2010, os negros representavam apenas 29% dos estudantes de mestrado e doutorado, 0,03% do total de aproximadamente 200 mil doutores nas mais diversas

áreas do conhecimento<sup>[14]</sup> e só 1,8% entre todos os professores da Universidade de São Paulo (USP).<sup>[15]</sup>

- Um homem negro tem oito vezes mais chances de ser vítima de homicídio no Brasil do que um homem branco. Afrodescendentes formam a maior parte da população carcerária e são mais expostos à criminalidade. São também a absoluta maioria entre os habitantes de bairros sem infraestrutura básica, como luz, saneamento, segurança, saúde e educação.<sup>[16]</sup>
- Entre os 1.626 deputados distritais, estaduais, federais e senadores brasileiros eleitos em 2018, apenas 65 — menos de 4% do total — são negros. Incluindo os pardos, o número chega a 27%, ainda assim, proporcionalmente a metade da população brasileira total que se encaixa nessas duas classificações (54%). No Senado, a mais alta câmara legislativa do país, a proporção é ainda menor. Só três dos 81 senadores (3,7%) se declaram negros. Entre os governadores dos estados e do Distrito Federal, não há nenhum.<sup>[17]</sup> E também nenhum entre os ministros do Supremo Tribunal Federal, desde que Joaquim Barbosa se aposentou, em 2014.
- Nas quinhentas maiores empresas que operam no Brasil, apenas 4,7% dos postos de direção e 6,3% dos cargos de gerência são ocupados por negros.

- Os brancos são também a esmagadora maioria em profissões de alta qualificação, como engenheiros (90%), pilotos de aeronaves (88%), professores de medicina (89%), veterinários (83%) e advogados (79%).<sup>[18]</sup>
- Só 10% dos livros publicados no Brasil entre 1965 e 2014 são de autores negros. Entre os diretores de filmes nacionais produzidos de 2002 a 2012, apenas 2%.<sup>[19]</sup>

Essas cifras são o alto preço que o Brasil paga ainda hoje pelo abandono de sua população negra à própria sorte na época da Lei Áurea. Durante a campanha abolicionista que empolgou o país na segunda metade do século XIX, o pernambucano Joaquim Nabuco dizia que os brasileiros estariam condenados a permanecer no atraso enquanto não resolvessem de forma satisfatória a herança escravocrata. Para ele, não bastava libertar os escravos. Era preciso incorporá-los à sociedade como cidadãos de pleno direito. O regime de escravidão, dizia, corrompia tudo e impedia que a sociedade evoluísse. “A escravidão não consentiu que nos organizássemos, e sem povo as instituições não têm raízes, a opinião não tem apoio, a sociedade não tem alicerces”, escreveu.<sup>[20]</sup> Às vésperas da Proclamação da República, em 1889, alertava que, sem corrigir esse enorme passivo histórico e social, seria difícil construir uma democracia sólida apenas com a mudança do regime monárquico para o republicano. “A grande questão da democracia brasileira não é a monarquia, é a escravidão”, dizia. É um diagnóstico que

continua a assombrar as gerações atuais.

Incapaz de resolver esses obstáculos na sua jornada rumo ao futuro, restou ao Brasil a construção de inúmeros mitos relacionados a sua história escravista. Durante muito tempo, sustentou-se a tese de que a escravidão brasileira teria sido mais branda, patriarcal e benévola quando comparada, por exemplo, ao regime de segregação explícita dos Estados Unidos. O resultado, ainda segundo essa visão, seria um país com menos preconceito e barreiras étnicas e culturais — a tão celebrada democracia racial brasileira. Muitos estudos têm contribuído para mudar de forma drástica essa interpretação. Como se verá ao longo destes três livros, os escravos brasileiros foram sempre explorados e tratados com violência como em qualquer outro território. “Não há escravidão suave ou cruel, ela dispensa adjetivos”, observou a historiadora Hebe Maria Mattos de Castro, da Universidade Federal de Juiz de Fora.<sup>[21]</sup> O preconceito, por sua vez, é parte do dia a dia dos brasileiros, como se pode observar nos estádios de futebol, onde jogadores negros são alvos frequentes de agressões verbais.

A escravidão no Brasil foi uma tragédia humanitária de proporções gigantescas. Arrancados do continente e da cultura em que nasceram, os africanos e seus descendentes construíram o Brasil com seu trabalho árduo, sofreram humilhações e violências, foram explorados e discriminados. Essa foi a experiência mais determinante na história brasileira, com impacto profundo na cultura e no sistema político que deu origem ao país depois da Independência, em 1822. Nenhum outro assunto é tão importante e tão

definidor para a construção da nossa identidade. Estudá-lo ajuda a explicar a jornada percorrida até aqui, o que somos neste início de século XXI e também o que seremos daqui para a frente. Em nossas raízes africanas, há uma história de domínio e opressão de um grupo de seres humanos pelo outro, de muita dor e injustiça. Mas há também beleza e encantamento. São da África a capacidade de resistência e adaptação, a resiliência, a criatividade, o vigor, o sorriso fácil, a hospitalidade, a alegria, a música, a dança, a culinária, as crenças religiosas e outros aspectos que transformaram o Brasil em uma sociedade plural e multifacetada, marcada por cores e ritmos que hoje nos diferenciam no mundo.

Por essa razão, o tema tem sido alvo de uma vasta produção literária e acadêmica com enfoques diferenciados e, muitas vezes, conflitantes. Cada nova geração de escritores e historiadores procura iluminá-lo sob diferentes perspectivas, que incluem desde obras de grande densidade acadêmica, como teses de doutorado, dissertações de mestrado e outros trabalhos que todos os anos brotam nas universidades e em centros de pesquisa, até livros de interesse geral, destinados ao público leigo.

A série que se inicia com a publicação deste volume pretende ser parte desse grande esforço coletivo. Os três livros, a serem publicados, um por ano, até 2021 (portanto, até as vésperas da comemoração do bicentenário da Independência, no ano seguinte), compreendem ensaios e reportagens de campo e, sempre que possível, procuram seguir uma ordem cronológica. Este primeiro volume tem seu foco principal na África — pela óbvia razão de que, ao

escrever sobre a escravidão no Brasil, é preciso começar por esse continente. Cobre um período de, aproximadamente, 250 anos, entre o início das incursões e capturas de escravos pelos portugueses na costa da África, em meados do século XV, até o final do século XVII. Traz também alguns trechos sobre a escravidão em outros períodos da história da humanidade, como na Grécia Antiga, no Egito dos faraós, no Império Romano, nos domínios do islã e na própria África antes da chegada dos portugueses.

O segundo livro concentra-se no século XVIII, auge do tráfico negreiro no Atlântico, motivado pela descoberta das minas de ouro e diamantes no Brasil e pela disseminação do cultivo de cana-de-açúcar, arroz, tabaco, algodão e lavouras e do uso intensivo de mão de obra cativa em outras regiões do continente. Num período de apenas cem anos, mais de 6 milhões de seres humanos foram traficados da África para a América, dos quais 2 milhões (um terço do total) vieram só para o Brasil. O terceiro e último livro se dedica ao movimento abolicionista, ao tráfico ilegal de cativos, ao fim (pelo menos do ponto de vista formal e legal) da escravidão no século XIX e ao seu legado nos dias atuais. São também abordados, nos dois próximos volumes da trilogia, temas como a família escrava, as alforrias, a escravidão urbana, as festas, irmandades e práticas religiosas, a assimilação, as fugas, rebeliões e os movimentos de resistência.

Pesquisar e escrever esta série de livros envolveu uma longa e fascinante jornada de seis anos que me levou ao encontro de paisagens, culturas, experiências e pessoas em doze países de três continentes — África, América e Europa.

No primeiro semestre de 2017, depois de já familiarizado com a vasta bibliografia relacionada ao tema, estive em Cartagena, na Colômbia, o mais importante porto negreiro do Império Colonial Espanhol, e percorri o antigo sul escravista dos Estados Unidos, palco de uma guerra civil na qual morreram cerca de 750 mil pessoas e que ainda hoje é cenário de lutas pela liberdade e pela igualdade de direitos civis entre brancos e negros com grande repercussão no mundo todo. Repetia assim uma experiência que o pernambucano Gilberto Freyre teve no final da década de 1920. Freyre, então um jovem sociólogo, visitou essa região enquanto reunia os primeiros ensaios, rascunhos e ideias que, anos depois, se converteriam no clássico *Casa-grande & senzala*, marco da celebração da mestiçagem como virtude nacional. Como ele, tive o privilégio de conhecer bibliotecas, museus, centros de estudos e antigas fazendas produtoras de arroz, algodão, cana-de-açúcar e tabaco — as famosas *plantations* escravocratas americanas, algumas delas hoje transformadas em memoriais dedicados à história do cativo africano na América.

No mesmo ano, estive em Londres e Liverpool, outros dois importantes locais associados à história do tráfico negreiro e à campanha abolicionista que levaria ao fim da escravidão no século XIX. Morei um semestre em Lisboa, base de apoio para minhas cinco viagens a oito países africanos (Cabo Verde, Senegal, Angola, Marrocos, Gana, Benim, Moçambique e África do Sul). Antes e depois dessas incursões internacionais, percorri diversos estados brasileiros, revivendo, com o encantamento de sempre, a

experiência de muitos anos atrás, quando, na condição de jovem repórter, tive o privilégio de viver, morar e trabalhar em todas as regiões do país — com a diferença de que, desta vez, meu olhar tinha um foco mais preciso: a história da escravidão e seu legado no Brasil de hoje.<sup>[22]</sup>

O desfecho desta jornada de leituras, pesquisas e reportagens levou-me ao encontro de um veterano amigo e colaborador, o poeta, ensaísta e historiador Alberto da Costa e Silva, com quem eu já tivera o privilégio de trabalhar na edição de um dos meus livros anteriores, *1822*, sobre a Independência do Brasil. Membro e ex-presidente da Academia Brasileira de Letras, Alberto da Costa e Silva é considerado atualmente o maior especialista brasileiro em história da África, autor das várias obras fundamentais para a compreensão do tráfico negreiro para a América. São de sua autoria as notas e observações que aparecem no rodapé de alguns capítulos deste livro, tarefa que o “Embaixador” (como o conhecem seus muitos amigos) teve a gentileza de realizar com a paciência, a generosidade e o cuidado que o tornaram um dos intelectuais mais admirados e respeitados no Brasil. “A história da África é importante para nós, brasileiros, porque ajuda a explicar-nos. É de onde proveio quase a metade dos nossos antepassados. O obá (chefe local) do Benim ou o angola de Quiluanje estão mais próximos de nós do que os antigos reis de França”, escreveu Alberto da Costa e Silva.<sup>[23]</sup> “Hoje, todos somos descendentes de escravos ou de senhores e mercadores de escravos”.<sup>[24]</sup>

Um antigo ditado africano recorda que, até o leão aprender a escrever, a história exaltará a versão do caçador.

Em uma tese do Curso de Altos Estudos apresentada em 2007 ao Instituto Rio Branco, do Ministério das Relações Exteriores, a diplomata Irene Vida Gala — outra reconhecida africanista contemporânea brasileira com quem também tive o privilégio de contar entre os colaboradores nesta série de livros — procurou decodificar esse ditado na forma de diferentes “olhares” sobre a história das relações do Brasil com a África. Segundo ela, haveria “os olhares negros”, que reconhecem o papel do africano e de seus descendentes, protagonistas de uma história tão antiga e pródiga quanto o continente de que são oriundos, e os “olhares brancos”, que perpetuam os registros de uma história repetida desde os tempos do colonizador europeu, perfeitamente condizente com interesses e perspectivas eurocêntricas e caucasianas presentes nas narrativas tradicionais da historiografia brasileira. Haveria, porém, no entendimento da embaixadora Irene Gala, um terceiro grupo, o dos “olhares atentos”, contemporâneos, que assimilam a complexidade dessas duas histórias e incorporam novos ingredientes ao seu relato e análise, dispondo-se a oferecer uma compreensão mais ampla e ao mesmo tempo mais sutil e refinada das relações Brasil-África. Estes últimos são olhares que, a meu ver, poderiam servir igualmente à história da escravidão — uma parte hedionda e dolorosa, mas também essencial para a compreensão dessas relações. Na perspectiva oferecida por esses “olhares atentos”, seria possível identificar e destacar novas narrativas e reinterpretar heróis, acontecimentos e consequências que marcam quatro séculos de uma convivência ainda hoje

pendente de reconciliação.

Ao iniciar esta série de livros sobre a escravidão, eu gostaria de me alistar ao grupo dos “olhares atentos”. Ao mesmo tempo, preciso reconhecer (e desde já pedir a compreensão dos leitores) que minhas raízes e referências culturais de certa forma condicionam e limitam o meu olhar. Como repórter e pesquisador, posso e devo observar e ouvir os diferentes olhares e vozes, admitindo, porém, que seria indevido ou falso de minha parte tentar, por exemplo, expressar na sua totalidade a experiência de dor e sofrimento do “olhar negro”, pela qual nunca passei. Pelo lado materno, dos Fagnani, sou descendente de imigrantes italianos que, fugindo da fome na Europa, chegaram ao Brasil no final do século XIX para substituir a mão de obra cativa nas lavouras de café de Mococa, Araraquara e Descalvado, no interior de São Paulo. Pelo lado paterno, do sobrenome Gomes, tenho entre meus ascendentes um líder abolicionista e republicano da atual cidade de Brasópolis, sul de Minas Gerais. Desse modo, posso dizer que a escravidão também é assunto meu. Sua história e seu legado são temas do meu interesse, como deveriam ser para todos os demais 210 milhões de brasileiros. Cabe-me, portanto, trabalhar com uma atitude atenta, de responsabilidade e respeito pelos agentes envolvidos nessa história, entre os quais eu me inscrevo, deixando que os leitores julguem se, nesse esforço, fui honesto e sincero nos meus propósitos — ainda que, talvez, não inteiramente bem-sucedido.

O “olhar atento” com o qual me propus a escrever esta trilogia inclui também o reconhecimento de que existem

aspectos de natureza semântica relacionados ao tema que hoje são alvos de intenso debate acadêmico. O correto seria dizer “escravo” ou “escravizado”? Expressões como “senhor de escravo” ou “dono de escravo” pertenceriam ao domínio dos “olhares brancos” ou seriam também aceitáveis no universo dos “olhares negros” ou dos “olhares atentos”? Palavras, obviamente, escondem significados profundos que à primeira vista escapam à percepção de quem as lê ou escreve. “Escravo”, substantivo ou adjetivo, remete à definição de um ser humano cuja condição seria natural e essencialmente a de cativo, alguém que assim teria nascido e assim permaneceria devido à sua própria natureza. O olhar preconceituoso, por exemplo, poderia supor que a escravidão seria uma vocação natural ou inata dos negros africanos. “Escravizado”, particípio do verbo “escravizar”, também usado como adjetivo, por sua vez, denotaria uma condição circunstancial ou temporária, produzida pela violência que tornou a pessoa cativa. Homens e mulheres escravizados seriam, portanto, pessoas que sofreram escravização, foram subjugadas e reduzidas à condição de cativas, sem que essa fosse sua identidade ou vocação original.

Essas sutilezas linguísticas são importantes e devem ser levadas em conta. Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer que determinados vocábulos já se incorporaram aos usos e costumes da língua portuguesa e podem ser livremente utilizados em favor de uma mais fácil compreensão dos leitores. “Escravo” é uma palavra de uso consagrado nos dois mais importantes dicionários brasileiros, o *Aurélio* e o

*Houaiss*, onde aparece como “aquele que, privado da liberdade, está submetido à vontade de um senhor, a quem pertence como propriedade”. Desse modo, autorizado pelos dicionários, mas também atento às novas exigências e tendências da linguagem, optei por grafar indistintamente “escravo” e “escravizado” ao longo desta obra como sinônimos de “cativo”, alternando seu uso sempre que necessário para evitar cacofonias ou repetições enfadonhas. Da mesma forma, os leitores encontrarão no meu texto expressões como “dono de escravo” ou “senhor de escravo”, ambas igualmente consagradas por respeitadores escritores, historiadores, sociólogos e outros estudiosos que me precederam e que delas se valeram no passado sem qualquer constrangimento vernacular.

Apesar do fôlego aparente, em três volumes, esta série não pretende nem poderia ser um estudo exaustivo ou definitivo da escravidão. Seria impossível, além de arrogante e pretensiosa, qualquer tentativa de esgotar um assunto tão vasto, importante e premente, ainda que numa obra que, no conjunto, terá cerca de 1.500 páginas. Por essa mesma razão, ao definir o escopo deste projeto, optei pelo uso do artigo indefinido: “*uma* história da escravidão no Brasil”, em lugar de “*a* história da escravidão no Brasil”. Ou seja, é uma entre muitas possíveis narrativas, visões e interpretações num campo marcado por numerosa, diversificada e complexa bibliografia. Meu propósito é destacar e explicar alguns aspectos que julgo importantes na análise do assunto seguindo a fórmula já utilizada nos livros anteriores, mediante o uso de linguagem jornalística, simples e fácil de

entender (como suponho ter feito na série *1808, 1822 e 1889*). Eu me sentiria absolutamente recompensado se, ao final desta trilogia, conseguisse despertar o interesse de um público mais amplo, não habituado a estudar o tema, incluindo os jovens e estudantes.

É preciso também fazer uma nota final sobre a metodologia. As estatísticas sempre foram um grande desafio no estudo da escravidão no Brasil. Os mapas e números utilizados neste volume tomam como referência as pesquisas de dois autores norte-americanos, David Eltis e David Richardson, compiladas no livro *Atlas of the Transatlantic Slave Trade* [“Atlas do comércio transatlântico de escravos”, em tradução livre]. Esse estudo serviu de referência para a construção de um notável banco de dados, disponível para consulta na internet em <[slavevoyages.org](http://slavevoyages.org)>. É resultado de um gigantesco esforço internacional envolvendo pesquisadores de diversos países, incluindo os brasileiros Manolo Garcia Florentino, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e Roquinaldo Ferreira, da Universidade Brown, em Providence, Rhode Island, nos Estados Unidos, dois de seus mais importantes colaboradores. Como esse é um banco de dados dinâmico, em constante processo de renovação e atualização, é possível que, ao longo do tempo, os leitores encontrem diferenças significativas entre os números citados nesta obra e os disponíveis na internet. O que significa também que esta série de livros, embora tente resumir a história até hoje conhecida da escravidão no Brasil e, em parte, na América, carrega também um caráter efêmero, como se fosse uma

fotografia instantânea de uma paisagem ou cena em rápida mutação.

Laurentino Gomes  
Itu, São Paulo, julho de 2019

## 1. A GRANDE AGONIA

*“O horror! O horror!”*

ÚLTIMAS PALAVRAS DE KURTZ, personagem de Joseph Conrad no romance *Coração das trevas* (1902), sobre a loucura e a barbárie no antigo Congo Belga

POR VOLTA DE 1750, o horror dominava as serras e os vales próximos à Feira de Cassanje, interior de Angola, assim descrito pelo historiador norte-americano Joseph Miller:

*Ali as pessoas matavam e eram mortas como se a vida nada valesse. Não usavam roupas e consumiam carne humana e insetos vivos. Os cadáveres eram jogados nas estradas e devorados pelos famintos que por elas trafegavam. Quando estranhos se aproximavam, os fugitivos se escondiam na copa das árvores e atacavam todos os forasteiros que julgassem capazes de dominar. As guerras, agravadas por secas arrasadoras, produziram uma devastação tão absoluta que os homens mais jovens sobreviviam apenas da captura, do consumo e da venda de outros. Cerca de 90% da população envolvida nos conflitos acabou dizimada. O território ficou quase completamente desabitado.<sup>[1]</sup>*

Nos dois séculos anteriores, o perímetro da escravidão tinha avançado continente adentro por cerca de oitocentos

quilômetros, como um tsunami colossal que, partindo do litoral atlântico, tivesse devastado o interior africano. As razias tinham começado nas zonas mais próximas do litoral entre 1520 e 1570 e progrediram rapidamente — cerca de trinta quilômetros cada década —, à medida que aumentava a demanda por cativos do outro lado do oceano. Assim, a busca desenfreada por escravos chegou à região de Cassanje. E assim continuaria ainda por mais cem anos. Na metade do século XIX, às vésperas da abolição do tráfico negreiro no Brasil, já atingira o miolo do continente, a quase 2 mil quilômetros do litoral e a meio caminho entre Luanda, no Atlântico, e a Ilha de Moçambique, no Oceano Índico, de onde outra onda de devastação partira com igual força.

A fronteira de captura, sequestros, compra e venda de escravos tinha penetrado até o coração do continente, mas nem por isso haveria paz nas zonas pioneiras de fornecimento de mão de obra cativa. Ao contrário, por volta de 1830, cerca de 80% de todos os escravos que chegavam ao Brasil ainda tinham como origem regiões costeiras de Angola — prova de que a drenagem sistemática de moradores desses territórios se manteve inalterada ao longo de todo o período do tráfico negreiro.<sup>[2]</sup> “A destruição constante de Angola se apresenta como a contrapartida da construção contínua do Brasil”, observou o historiador Luiz Felipe de Alencastro.<sup>[3]</sup>

Na esteira da grande onda escravagista ficava um cenário de morte e ruína. No século XVIII, uma vasta região, de aproximadamente 2,5 milhões de quilômetros quadrados, o equivalente a quase um terço da área territorial brasileira,

onde hoje se situam Angola e os dois Congos (a República do Congo e a República Democrática do Congo), estava dominada pela guerra e pelo medo. Era um lugar altamente instável e perigoso devido ao regime de terror implantado pela ferocidade dos guerreiros e dos captos de escravos. Milhares de habitantes procuravam abrigo nas densas florestas e nas montanhas, todos fugindo dos conflitos e sequestros que alimentavam o tráfico atlântico.<sup>[4]</sup>

Jan Vansina, historiador e antropólogo belga, reproduziu uma interessante descrição da chegada dos portugueses a Angola, a guerra contra o angola de Quiluanje (título do rei ou soberano local) e o início do tráfico de escravos. A narrativa faz parte da tradição oral do povo pende, que, no século XVI, vivia próximo do litoral e, pressionado pelo tráfico negreiro, se transferiu para o interior do continente. A história se refere a navios alados — aos olhos dos africanos, as velas das naus portuguesas lembravam asas:

*Um dia, os homens brancos chegaram em navios com asas que brilhavam como facas ao sol. Travaram duras batalhas com o angola e cuspiram-lhe fogo. Conquistaram as suas salinas e o angola fugiu para o interior [...]. Alguns dos seus súditos mais corajosos ficaram junto ao mar e, quando os homens brancos vieram, trocaram ovos e galinhas por tecidos e contas. Os homens brancos voltaram outra vez ainda. Trouxeram-nos milho e mandioca, facas e enxadas, amendoim e tabaco. Desde então e até os nossos dias, os brancos nada nos trouxeram senão guerras e misérias.*<sup>[5]</sup>

Joseph Miller faz um cálculo assustador a respeito da mortalidade no tráfico de cativos no Atlântico. Ainda na África, entre 40% e 45% dos negros escravizados morriam no trajeto entre as zonas de captura e o litoral. Dos restantes, entre 10% e 15% pereciam durante o mês que, em média, ficavam à espera do embarque nos portos africanos. Em Benguela, um dos principais portos negreiros de Angola, até o final do século XVIII, os traficantes simplesmente se livravam dos cadáveres jogando-os nas praias e nos rios. Muitos eram depositados nos esgotos a céu aberto da cidade. Dos sobreviventes que embarcavam nos navios negreiros, outros 10%, em média, morreriam na travessia do oceano. Na etapa seguinte, a do desembarque na América, mais 5% perdiam a vida durante o processo de venda e transporte para os locais de trabalho — muitas vezes situados em minas ou lavouras no interior distante, o que exigia longas caminhadas a pé por trilhas perigosas e traiçoeiras. Por fim, mais 15% faleceriam nos três primeiros anos de cativeiro em terras do Novo Mundo.<sup>[6]</sup>

As estimativas de Miller sugerem que, de cada grupo de cem escravos capturados no interior da África, apenas quarenta sobreviveriam ao final dessa extensa jornada entre os locais de captura e o destino final da viagem, do outro lado do Atlântico. Em torno de 60% do total perderiam a vida pelo caminho. Traduzindo em números absolutos, ao longo de mais 350 anos, entre 23 milhões e 24 milhões de seres humanos teriam sido arrancados de suas famílias e comunidades em todo o continente africano e lançados nas engrenagens do tráfico negreiro. Quase a metade, entre 11

milhões e 12 milhões de pessoas, teria morrido antes mesmo de sair da África. Hoje estima-se com relativa segurança que aproximadamente 12,5 milhões de cativos foram despachados nos porões dos navios, mas só 10,7 milhões chegaram aos portos do continente americano. O total de mortos na travessia do oceano seria de 1,8 milhão de pessoas (portanto, superior aos 10% citados por Miller para o caso de Angola). Dado o alto índice de mortalidade após o desembarque, apenas 9 milhões de africanos teriam sobrevivido aos tormentos dos três primeiros anos de escravidão no novo ambiente de trabalho.

A história da escravidão africana no Brasil é repleta de dor e sofrimento. Centenas de livros já foram escritos sobre o tema, mas, provavelmente, nenhum deles conseguirá jamais expressar as aflições de um único cativo dos milhões capturados na África, embarcados à força em um navio, arrematados como mercadoria qualquer num leilão do outro lado do oceano, numa terra que lhes era completamente estranha e hostil, onde trabalhariam pelo resto de suas vidas sob o chicote e o tacão de seu senhor. Um detalhe, porém, talvez ajude os leitores de hoje a ter uma ideia, ainda que remota, do tamanho dessa tragédia: diz respeito ao comportamento dos tubarões que seguiam as rotas dos navios negreiros.

Durante mais de três séculos e meio, o Atlântico foi um grande cemitério de escravos. Era no mar, durante a travessia, que as cifras de mortalidade ficavam mais evidentes: como escravos representavam um “investimento”, uma mercadoria valiosa do ponto de vista

dos traficantes, cada óbito tinha de ser registrado nos chamados *Livros dos mortos* pelos capitães dos navios, ao lado de diversos outros itens que apareciam nas colunas de crédito e débito dos relatórios de contabilidade. Por isso, os números de mortos durante esse tipo de viagem são mais precisos do que os das demais travessias náuticas da época, geralmente baseados em estimativas. Isso permite fazer hoje um cálculo assustador. Se, entre o início e o final do tráfico negreiro, pelo menos 1,8 milhão de cativos morreram durante a travessia, isso significa que, sistematicamente, ao longo de 350 anos, em média, catorze cadáveres foram atirados ao mar todos os dias. Por essa razão, os navios que faziam a rota África-Brasil eram chamados de “tumbeiros”, ou seja, tumbas flutuantes.

Alguns exemplos ajudam a dar uma noção mais precisa desses números. Em 1805, um brigue sob o comando do capitão Félix da Costa Ribeiro partiu da região de Biafra com 340 escravos, dos quais 230 morreram nos quarenta dias de travessia até Salvador. Portanto, esse navio, sozinho, teria lançado ao mar entre cinco e seis cadáveres por dia, média semelhante à do *Protector*, que teve 151 mortos na viagem de cinquenta dias entre Luanda e o Rio de Janeiro. No caso do brigue *Flor da Bahia*, que perdeu 192 dos 557 cativos embarcados de Moçambique para Salvador, uma viagem de cerca de setenta dias, a média de corpos atirados da amurada do navio teria sido de quase três por dia.<sup>[7]</sup>

## **Negros de Moçambique: a rota mais longa do tráfico**

---

*Viagem pitoresca através do Brasil, 1827/1835, de Johann Moritz Rugendas. Fine Art Images/AGB Photo Library.*



Morria-se de doenças como disenteria, febre amarela, varíola e escorbuto. Morria-se de suicídio — escravos que, tomados pelo desespero, aproveitavam-se de um descuido dos tripulantes, subiam à amurada das embarcações e jogavam-se ao mar. Por essa razão, os navios negreiros geralmente eram equipados com redes estendidas ao redor

do deque superior, para prevenir esses atos. Morria-se, ainda, de banzo, nome dado pelos africanos para o surto de depressão muito frequente entre os cativos. Alguém acometido por banzo parava de comer, perdia o brilho no olhar e assumia uma postura inerte enquanto suas forças vitais se esvaíam no prazo de poucos dias. “O banzo é um ressentimento entranhado por qualquer princípio, como a saudade dos seus ou de sua pátria”, descreveu, no final do século XVIII, Luís Antônio de Oliveira Mendes, advogado português nascido na Bahia. “É uma paixão da alma a que se entregam que só é extinta com a morte.”\*

Os cadáveres eram então atirados por sobre as ondas, sem qualquer cerimônia, às vezes sem ao menos a proteção de um pano ou lençol, para serem imediatamente devorados por tubarões e outros predadores marinhos. Segundo inúmeras testemunhas da época, mortes tão frequentes e em cifras tão grandes fizeram com que esses grandes peixes mudassem suas rotas migratórias, passando a acompanhar os navios negreiros na travessia do oceano, à espera dos corpos que seriam lançados sobre as ondas e lhes serviriam de alimento. Esses rituais eram parte da rotina a bordo.

“Os tubarões começavam a seguir os navios negreiros assim que as embarcações alcançavam a costa da Guiné”, escreveu o historiador Marcus Rediker. “Eram observados pelos marinheiros da Senegâmbia ao Congo e Angola, passando pela Costa do Ouro e dos Escravos (atuais Gana, Togo, República do Benim e Nigéria), sempre que os navios estavam ancorados ou se moviam lentamente.” Um corpo ou um homem vivo que caísse nas águas por acidente seria

imediatamente destroçado. Alexander Falconbridge, médico britânico que participou de quatro viagens negreiras entre 1780 e 1787, testemunhou diversas cenas como essa enquanto observava o embarque de cativos na costa de Bonny (atual Nigéria). Segundo ele, os tubarões cercavam os navios “em número inacreditável, devorando rapidamente os negros que eram arremessados da amurada”. Relato semelhante é o de John Atkins, também médico da Marinha Britânica na primeira metade do século XVIII: “Diversas vezes eu vi os tubarões se apoderarem de um cadáver, assim que era jogado ao mar, despedaçando-o e devorando-o com tal voracidade que não dava tempo sequer para que começasse a afundar nas águas”.

Do embarque na costa da África, cardumes de tubarões seguiam as embarcações por milhares de quilômetros na travessia do oceano, segundo os registros no diário do capitão Hugh Crow, que fez dez viagens nesse percurso. “Eles estão sempre ao redor do navio, à espera de que algum corpo seja jogado nas águas”, descreveu Crow. Comprovando suas observações, em 1785 diversos jornais de Kingston, capital da Jamaica, noticiaram que a chegada de novas cargas de escravos tinha trazido consigo uma tal quantidade de tubarões que “banhar-se nas águas do rio local se tornou algo extremamente perigoso”.<sup>[8]</sup>

A história da devastação do continente africano e da transformação do Oceano Atlântico num imenso cemitério começou muitos séculos antes, no ancoradouro de um vilarejo de casinhas brancas debruçadas sobre o mar na região sul de Portugal.

## 2. O LEILÃO

AO AMANHECER DE OITO DE AGOSTO DE 1444, os moradores de Lagos, então um pequeno vilarejo murado na região do Algarve, sul de Portugal, foram despertados pela notícia de um acontecimento extraordinário. Recém-chegadas do mar, meia dúzia de caravelas estavam ancoradas no cais ao pé da ladeira de casinhas brancas sob a proteção dos canhões da antiga fortaleza que guarnecia a entrada da barra. Dos seus porões começou a sair uma carga inusitada: 235 homens, mulheres e crianças, todos escravos que ali seriam arrematados em leilão.

Ao pisar em terra, quatro cativos foram separados dos demais e doados para igrejas e monastérios. Um deles acabaria vendido naquela mesma manhã, porque o padre precisava comprar ornamentos novos para o altar. Outro, um menino, foi entregue ao Convento de São Vicente do Cabo, da Ordem Mendicante de São Francisco, onde se tornaria monge. Os 231 restantes foram divididos em cinco grupos, para serem examinados pelos potenciais compradores. O primeiro lote, de 46 escravos, ficou reservado para o homem de chapéu de abas largas e botas de cano comprido até os joelhos que, montado a cavalo, supervisionava toda a operação. Era o infante dom Henrique, quinto filho do rei dom João I, já falecido, e irmão do regente do trono, dom Pedro.

A cena marca o início de um período trágico na história

humana e foi registrada porque havia no local uma testemunha com a missão de descrevê-la para a posteridade. Gomes Eanes de Azurara, filho de padre, cronista real, cavaleiro da Ordem de Cristo, guarda-mor dos arquivos da Torre do Tombo e biógrafo de dom Henrique, é o autor do manuscrito *Crônica do descobrimento e conquista da Guiné*. Redigido em 1448, esse relato das primeiras navegações portuguesas na costa da África ficou perdido durante quase quatro séculos, até 1837, quando seu original foi encontrado na Biblioteca Real de Paris e finalmente publicado em formato de livro quatro anos mais tarde.<sup>[1]</sup> Nele se encontra o primeiro registro oficial de um leilão de escravos africanos pelos portugueses, uma prática que se repetiria milhares e milhares de vezes ao longo dos quatro séculos seguintes, envolvendo a compra e a venda de cerca de 12,5 milhões de cativos capturados ou adquiridos na África e transportados em cerca de 35 mil navios negreiros que cruzaram o Oceano Atlântico em direção à Europa e a vários pontos da América.

Azurara, às vezes também chamado apenas de Zurara, descreve em detalhes o que ocorreu na praça situada em frente ao cais de Lagos enquanto o sol se erguia no horizonte naquela longínqua manhã do século XV.<sup>[2]</sup> Os escravos, segundo ele, eram “uma coisa maravilhosa de se ver, porque entre eles havia alguns de razoada brancura, formosos [...]; outros menos brancos, como os pardos; outros tão negros como os etíopes, disformes nas feições, tanto nos rostos como nos corpos, como a representar imagens do hemisfério inferior”. Os compradores eram muitos. “O campo estava cheio de gente, tanto do lugar como das aldeias e comarcas

dos arredores, a qual deixava naquele dia folgar suas mãos, em que estava a força de seu ganho, somente para ver aquela novidade”, anotou Azurara. O infante, por sua vez, estava “ali em cima de um poderoso cavalo, acompanhado de suas gentes, repartindo suas mercês, como homem que de sua parte queria fazer pequeno tesouro”.

Ao relatar o início do leilão, Azurara mostra-se comovido com as reações dos cativos diante da perspectiva de serem comprados por senhores diferentes, o que significaria a separação definitiva entre pais e filhos, esposas e maridos, irmãos, amigos e companheiros de longa data:

*Qual seria o coração, por duro que pudesse ser, que não fosse pungido de piedoso sentimento vendo assim aquela campanha? Porque uns tinham as caras baixas e os rostos lavados de lágrimas; [...] outros estavam gemendo muito dolorosamente, olhando para os céus [...], bradando altamente como se pedissem socorro ao Pai da Natureza; outros feriam o rosto com as suas palmas, lançando-se estendidos no chão; outros faziam suas lamentações em cantos, segundo o costume de sua terra. [...] Pelo que convinha a necessidade de se apartarem os filhos dos pais; as mulheres, dos maridos; e os irmãos, uns dos outros. A amigos nem parentes não se guardava nenhuma lei, somente cada um caía onde a sorte o levava. As mães apertavam seus filhos nos braços e lançavam-se com eles de bruços, recebendo feridas com pouca piedade de suas carnes.*

Perante tanta dor e sofrimento, o piedoso coração de Azurara encontrava pelo menos um motivo de consolo. O cativoiro daqueles africanos, acreditava ele, era a oportunidade de salvar-lhes as almas, retirando-os da escuridão da barbárie e do paganismo em que até então se encontravam para introduzi-los na luz da religião cristã e da civilização portuguesa. E assim também pensava o poderoso infante, cuja vontade e grande prazer, na interpretação do cronista, estavam “na salvação daquelas almas que antes eram perdidas”.

Os escravos vendidos em Lagos haviam sido capturados na costa da África pelos capitães Gil Eanes e Lançarote, escudeiros e sócios de dom Henrique. Eram azenegues, uma das etnias de povos berberes, de pele morena, habitantes da parte ocidental do deserto do Saara hoje ocupada pela Mauritânia. Tinham adotado a religião muçulmana no século XI. Por isso, enquadravam-se na genérica categoria de “infiéis”, que os portugueses atribuíam a todos os seres humanos que não se abrigassem à sombra da religião cristã e católica. O grupo, segundo a descrição de Azurara, também incluía negros e mulatos, provenientes de outras regiões, ao sul do deserto do Saara, e, talvez, cativos dos azenegues, uma vez que o comércio de escravos já era uma tradição antiga nessa parte da África.

As regras do leilão estavam definidas nas leis portuguesas e previam que dom Henrique teria a prerrogativa de escolher em primeira mão 46 cativos que julgasse mais fortes e saudáveis. Era sua cota pessoal, o chamado “Quinto Real”, equivalente a 20% sobre o total das cargas dos navios

que lhe cabiam na condição de financiador e organizador da expedição africana. Foi um negócio tão bem-sucedido que, dois anos mais tarde, outra frota de nove caravelas seguiu para a costa da África com o objetivo de capturar ou comprar escravos. Levavam a bordo um tabelião de confiança de dom Henrique, cuja missão era garantir que todos os tributos fossem devidamente recolhidos em conformidade com a legislação portuguesa. Um desses navios pertencia ao bispo do Algarve, dom Rodrigo Dias, que, animado com as doações recebidas pela Igreja no primeiro leilão, decidira se tornar sócio no comércio negreiro. A caravela do bispo, no entanto, teve má sorte. Naufragou depois de encalhar num banco de areia perto de Cabo Verde. Cinco tripulantes morreram.<sup>[3]</sup>

Atualmente, cinco séculos e meio após o leilão descrito por Azurara, a cidade portuguesa de Lagos é um dos destinos turísticos mais importantes da Europa. Com cerca de 18 mil habitantes, tem dias ensolarados o ano inteiro, praias belíssimas e uma paisagem urbana ainda marcada por casinhas brancas encarapitadas à beira-mar. É também um lugar que luta para manter sua identidade lusitana. As ruas, cuidadosamente limpas e enfeitadas com floreiras naturais, estão sempre repletas de veranistas de pele muito alva e tostada pela exposição ao sol. Nas vitrines das lojas, nos restaurantes, nas recepções dos hotéis, tudo está escrito em inglês. É nesse idioma que vendedores, garçons e funcionários de outros estabelecimentos comerciais atendem a clientela. Um desavisado acreditaria estar na Inglaterra, não em solo português.

Os britânicos formam a imensa maioria dos visitantes, mais de 300 mil por mês durante o verão, responsáveis por um terço da ocupação dos hotéis e outras acomodações, taxa superior à dos próprios portugueses que frequentam a região. A eles pertencem também os melhores e mais caros imóveis dessa faixa litorânea do território português. Muitos são aposentados que, fugindo do clima frio e cinzento da Inglaterra e da Escócia, escolheram as temperaturas amenas e o céu ensolarado do Algarve para passar os últimos anos de suas vidas. A prosperidade de Lagos e dos municípios vizinhos depende deles, o que explica a reação de quase pânico que tomou conta dos moradores locais em 2016, ano em que os eleitores do Reino Unido decidiram, em plebiscito, sair da União Europeia, no chamado Brexit. O rompimento poderia prejudicar os negócios e afastar os britânicos da região.

Uma das atrações culturais mais visitadas pelos turistas é um edifício de dois pavimentos com arcadas redondas sustentadas por colunas de pedras, paredes brancas e linhas arquitetônicas simétricas, situado em uma das esquinas da praça que se debruça sobre o ancoradouro feito com rochas. Uma das peças do acervo é uma reprodução fac-similar do hoje famoso relato de Azurara. Em frente ao museu, uma estátua do infante dom Henrique coberta de excrementos de pombos observa o cais onde ocorreu o primeiro leilão de escravos.

No ano posterior ao leilão de Lagos, os portugueses construíram na costa da atual Mauritânia a Feitoria de Arguim, cujo objetivo principal era o comércio de cativos.

Funcionaria como o protótipo de uma cadeia de outras fortificações semelhantes que, nas décadas seguintes, seriam erguidas ao longo de toda a costa africana, e também da Ásia, até a Índia. Em 1448, mil escravos africanos já haviam sido transportados por via marítima para Portugal. Parte deles era destinada às lavouras de açúcar nas ilhas Canárias e na Ilha da Madeira. O restante era levado para o continente europeu e revendido para a Espanha, Itália e outras regiões do Mediterrâneo. No total, cerca de 150 mil cativos africanos foram capturados ou comprados na costa da África pelos portugueses entre 1450 e 1500.<sup>[4]</sup>

Portugal foi o primeiro país europeu moderno a ter uma significativa população de origem africana. Por volta de 1550, já contava com cerca de 32 mil escravos, entre mouros e negros, que representavam pouco mais de 3% do total de 1 milhão de habitantes. Os muçulmanos capturados no Mediterrâneo e em regiões vizinhas, ao norte do deserto do Saara, eram chamados de “escravos brancos”. Vem daí a expressão “trabalhar como um mouro”, já usada entre os portugueses no século XV. Quem recusasse o batismo cristão era obrigado a usar sobre o ombro esquerdo o crescente vermelho, símbolo do islã — da mesma forma como, cinco séculos mais tarde, os judeus seriam obrigados a portar sobre a roupa a estrela de Davi na Polônia ocupada pelos nazistas.<sup>[5]</sup>

Igualmente já conhecida na época era a expressão “mercado negro”, usada para designar as feiras de compra e venda de africanos existentes em Lisboa, Évora, Lagos e

Porto, cidades em que 10% dos moradores eram cativos. A maior dessas feiras funcionava no centro de Lisboa, a algumas centenas de metros da margem do rio Tejo, onde hoje está situada a Praça do Município. Era a Casa dos Escravos, repartição da Coroa ligada à Casa da Mina e aos Tratos da Guiné, fundada em 1486. “Com exceção dos mendigos, todo mundo tinha escravos em Portugal, do rei ao mais simples trabalhador, incluindo as prostitutas”, escreveu o historiador A. C. Saunders. “Mesmo as pessoas mais pobres podiam comprar cativos, arrematados por preços muito baixos em liquidações promovidas pela Casa dos Escravos para se livrar dos estoques de africanos doentes ou com defeitos físicos.” Nas cidades, trabalhavam em serviços domésticos, incluindo a limpeza das casas, lavagem das roupas, preparação de alimentos e a retirada de dejetos e esgotos. No interior, atuavam em atividades agrícolas.<sup>[6]</sup>

Um episódio ocorrido em 1466, durante passagem da comitiva do viajante alemão Leon de Rosmital pela cidade de Braga, comprova o quanto a presença de escravos africanos tinha se tornado corriqueira e até banal na paisagem portuguesa. Recebido pelo rei Afonso V, e sendo de praxe a troca de presentes, o chefe da comitiva pediu que lhe dessem dois negros. Queria levá-los como curiosidade para a Alemanha. Os nobres portugueses ficaram surpresos com o pedido. “Isso que pedes, amigo, não vale nada”, respondeu o irmão do rei, dom Fernando, duque de Viseu. “Pede coisa mais importante e decente que dois negros.”<sup>[7]</sup>

Três décadas mais tarde, em 1494, ao visitar o rei dom João II em Évora, o médico alemão Jerônimo Münzer ficou

*image  
not  
available*

simples, crua e direta possível. Os marinheiros desembarcavam de suas caravelas em grupos armados com espadas e arcabuzes e, aos gritos de “Por São Jorge e Portugal”, atacavam os moradores dos vilarejos e os levavam, imobilizados, a bordo. Alvise Cadamosto, navegador e aventureiro veneziano que acompanhou algumas dessas expedições, assim descreveu as razias portuguesas: “As caravelas, às vezes quatro, outras vezes mais, chegavam ao Golfo de Arguim muito bem armadas, atracavam à noite e surpreendiam os vilarejos de pescadores”.<sup>[11]</sup>

Esse método logo se revelou perigoso e improdutivo, porque os africanos aprenderam a se defender e a contra-atacar. Suas armas, embora primitivas, podiam ser devastadoras, mesmo diante dos canhões e arcabuzes europeus. Em algumas regiões, usavam arcos e flechas com pontas de ferro preparadas com uma erva chamada *Strophanthus hispidus*, um veneno altamente letal, capaz de matar uma pessoa entre dez e trinta minutos depois de alvejada.<sup>[12]</sup> Em 1446, uma expedição novamente sob o comando de Nuno Tristão terminou em desastre depois que seus 21 tripulantes e cinco meninos aprendizes se arriscaram a subir um rio em busca de escravos. Eles foram emboscados por uma dúzia de canoas, de onde guerreiros nativos dispararam uma chuva de flechas e lanças contra os portugueses. Quatro homens morreram na hora. Outros dezessete, incluindo o próprio Tristão, saíram feridos e morreram nos dias seguintes sob o efeito do veneno embebido nas pontas dos dardos. Com os tripulantes adultos

*image  
not  
available*

nos navios negreiros para nunca mais voltar à terra em que haviam nascido. Estão nos campos de batalha da Guerra Civil Americana, uma das mais sangrentas de toda a história, em que cerca de 750 mil pessoas morreram para que a escravidão deixasse de existir nos Estados Unidos. Estão também na fisionomia de praticamente todos os mais de sete bilhões de seres humanos hoje vivos.

O uso de mão de obra cativa foi o alicerce de todas as antigas civilizações, incluindo a egípcia, a grega e a romana. Era um dos principais negócios dos vikings. Na Idade Média, deu sustentação ao desenvolvimento da Inglaterra, da França, da Espanha, da Rússia, da China e do Japão. Floresceu entre os povos pré-colombianos da América, como os incas, do Peru, e os astecas, do México. Assegurou a prosperidade de Veneza, Gênova e Florença no auge do Renascimento Italiano. A expansão do islã foi possível mediante a escravização de milhares e milhares de pessoas. O filósofo grego Aristóteles era senhor de escravos. Thomas Jefferson, autor da Declaração de Independência dos Estados Unidos, segundo a qual todos os seres humanos nasceriam livres e com direitos iguais, também. Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, herói da Inconfidência Mineira, foi dono de pelo menos seis cativos. O reverendo John Newton, autor de “Amazing Grace” (“Maravilhosa graça”, em português), um dos mais belos hinos evangélicos de todos os tempos, foi capitão de navio negreiro. John Locke, pensador humanista responsável pelo conceito de liberdade na história moderna, era acionista da Royal African Company, criada com o único propósito de traficar

empréstimos, dado de presente, incluído em dotes de casamento, confiscado no caso de falência do seu senhor e mesmo libertado se seu dono assim o quisesse. Em resumo: o destino do escravo não lhe pertencia. Privado de qualquer possibilidade de escolha, estaria sempre à mercê da vontade e das necessidades do seu amo.<sup>[6]</sup>

Em algumas sociedades, o escravo também poderia ser oferecido como sacrifício em funerais, cerimônias religiosas e ocasiões especiais. Outra característica seria o caráter hereditário da escravidão, que passa dos pais para os filhos, embora nem todas as sociedades o praticassem. Entre alguns povos africanos, os filhos de uma mulher cativa poderiam ser incorporados à linhagem do senhor na condição de pessoa livre. Pela lei islâmica, uma escrava tomada como concubina não poderia mais ser vendida uma vez que desse à luz um filho do seu amo. Esse filho seria tecnicamente livre, tanto quanto a mãe também seria quando o seu dono falecesse.

O historiador Paul E. Lovejoy resumiu todas essas características da escravidão numa lista com sete itens:<sup>[7]</sup>

- 1 — O escravo é uma propriedade.
- 2 — É objeto de compra e venda, como qualquer outra mercadoria.
- 3 — Mesmo que o reconheçam como ser humano, é um estrangeiro por natureza, arrancado do seu meio familiar e social.
- 4 — A relação entre senhor e escravo é baseada na violência.

o primeiro conjunto de leis da história, dividia a sociedade em três grupos — o dos homens livres e proprietários de terra, o dos funcionários públicos e o dos escravos, que podiam ser comprados e vendidos pelos dois primeiros. O código prescrevia a pena de morte para quem ajudasse um cativo a fugir ou lhe desse abrigo. Quando recapturados, os fugitivos tinham o rosto marcado por ferro em brasa. “A humanidade se divide em duas: os senhores e os escravos; aqueles que têm o direito de mando e os que nasceram para obedecer”, escreveu o filósofo grego Aristóteles no primeiro volume de seu tratado sobre a política. Segundo ele, haveria pouca diferença entre o uso de animais domésticos e a exploração do trabalho escravo, uma vez que “ambos nos emprestam os seus esforços físicos para satisfazer nossas necessidades”.<sup>[11]</sup>

No auge da civilização grega, 70 mil dos 155 mil habitantes da cidade de Atenas seriam cativos, número ainda modesto se comparado ao da capital do Império Romano. Presume-se que haveria meio milhão de escravos em Roma por volta da época de Jesus. Em toda a Itália, seriam entre 2 milhões e 3 milhões de cativos, de 26% a 40% de toda a população, estimada em 7,5 milhões de pessoas. Eram obtidos principalmente em guerras. O imperador Sétimo Severo levou para Roma cerca de 100 mil cativos depois de vencer os partas na Batalha de Ctesifonte (atual Iraque), no final do século II. As campanhas de Júlio César na Gália, entre 58 e 51 a.C., teriam produzido 1 milhão de escravos.

Os cativos faziam todo o tipo de serviços — eram soldados, agricultores, pastores, marinheiros, garis,

relacionadas à cor da pele, mas também a alguns traços anatômicos peculiares dos negros, como o formato dos olhos, da cabeça e do nariz.

### **Fisionomias de africanos cativos no Brasil do século XIX**

---

*Viagem pitoresca através do Brasil, 1827/1835, Johann Moritz Rugendas. Alamy/Fotoarena.*



*espécies de seres humanos, sejam naturalmente inferiores aos brancos. Nunca houve entre eles nação alguma tão civilizada quanto entre os brancos. Nenhum grande inventor entre eles, nenhuma Arte, nenhuma ciência [...]. Uma diferença tão constante e uniforme não poderia se repetir em tantos lugares e em épocas tão distintas se a natureza não tivesse também uma distinção original entre essas espécies de seres humanos.*

Alguns anos mais tarde, em 1756, Voltaire, um dos principais ideólogos da Revolução Francesa, afirmava a respeito dos negros: “Os olhos redondos, o nariz achatado, os lábios sempre grossos, o formato diferente das orelhas, o cabelo encrespado na cabeça, e mesmo a sua capacidade mental estabelecem uma prodigiosa diferença entre eles e as outras espécies de seres humanos”.

O alemão Immanuel Kant escreveu em 1764:

*Os negros africanos não receberam da natureza qualquer inteligência que os coloque acima da tolice. Portanto, a diferença entre as duas raças (negra e branca) é muito substancial. A distância no que diz respeito às faculdades mentais parece ser tão grande quanto a da cor (da pele).*

Georg W. Friedrich Hegel, também alemão e talvez o mais citado entre todos os filósofos formadores da ideologia racista no século XIX, afirmava que a África não merecia atenção dos povos ocidentais por ser um continente, na sua visão, sem qualquer contribuição significativa à história do

através do Saara, do Mar Vermelho e do Oceano Índico entre os séculos VII e XIX. Ou seja, o mesmo número de cativos embarcados para a América ao longo de 350 anos. Só no século XIX, o número de cativos transportados por essas rotas chegaria a 3,8 milhões.<sup>[2]</sup> O Império Otomano sozinho comprava entre 16 mil e 18 mil homens e mulheres todos os anos até o final do século XIX.<sup>[3]</sup> A partir do século XVI, mercadores muçulmanos também venderam para a América outro milhão de cativos, capturados e embarcados nas regiões da Senegâmbia e da Alta Guiné. “A escravidão já era fundamental para a ordem social, econômica e política em toda a região norte da África, na Etiópia e na costa do Oceano Índico por muitos séculos antes da chegada dos europeus”, afirmou o historiador Paul E. Lovejoy. “O cativo era uma atividade organizada, sancionada pela lei e pelos costumes.”<sup>[4]</sup>

Nas cidades de Argel, Cairo e Bagdá, distribuía-se manuais para o perfeito mercador muçulmano de escravos. Entre outras providências, recomendava-se que, ao chegar aos locais de venda, os cativos fossem alimentados, tratados de eventuais doenças ou feridas e untados com óleo para ficarem lustrosos e com boa aparência. Assim, estariam prontos para serem comercializados. Os compradores deveriam examinar-lhes a boca, para verificar se tinham boa dentição. Depois, era preciso fazê-los mexer os braços, curvar-se, correr e saltar. Esse detalhado ritual de compra e venda de escravos, herdado dos muçulmanos, seria adotado quase na íntegra pelos capitães que faziam o tráfico negreiro entre a África e a América nos séculos seguintes.

Os historiadores Clarence-Smith e David Eltis desfazem o mito a respeito da vida sexual desses locais. Ao contrário do que supõe a fantasia ocidental, os haréns, segundo eles, não eram sinônimo de orgia. Na verdade, funcionavam como um estoque de escravas para o serviço doméstico, sem direito a vida familiar ou sexual própria. Poucas mulheres chegavam a compartilhar a cama dos chefes muçulmanos.<sup>[7]</sup>

Os eunucos, por sua vez, eram homens privados da virilidade mediante a castração dos órgãos genitais ainda na adolescência. Devido à suposta falta de apetite sexual, geralmente eram designados para fazer a guarda dos haréns, embora também ocupassem funções-chave na estrutura dos impérios, como tesoureiros, ministros, conselheiros políticos e até comandantes militares. Representavam uma forma extrema de escravidão, antiquíssima, praticada na China, na Índia, na Pérsia, nos territórios muçulmanos e citada repetidas vezes na Bíblia e em outros textos antigos. No livro de Jeremias, do Antigo Testamento, o etíope Ebede-Meleque, eunuco na corte do rei Zedequias, salva a vida do profeta, cujos inimigos haviam lançado numa cisterna para que definhasse até a morte.<sup>[8]</sup> Mais adiante, no livro dos Atos dos Apóstolos, o apóstolo Felipe converte e batiza um eunuco alto funcionário etíope, que retornava de uma peregrinação a Jerusalém.<sup>[9]</sup>

Na China da dinastia Ming, o número de eunucos era calculado em mais de 100 mil, 70% dos quais serviam no palácio imperial. Entre 1501 e 1623, sete grão-vizires do Império Turco eram eunucos. Al-Muqtadir, califa de Bagdá entre os anos 908 e 932 d.C., teria em seu palácio 11 mil

## 5. O PATRONO

CERCA DE 34 QUILÔMETROS a oeste de Lagos, o local do primeiro leilão de escravos africanos registrado em Portugal, há um enigma histórico. É a Fortaleza de Sagres. Situada sobre um promontório que avança sobre o mar, batido por rajadas de ventos e ondas violentas, ela teria abrigado a mítica Escola de Sagres, uma grande academia de ciências náuticas fundada no século XV pelo infante dom Henrique, reunindo matemáticos, geógrafos, cartógrafos, astrônomos e outros especialistas. Pelo menos era o que se acreditava até o final do século XIX, quando os historiadores começaram a questionar a existência da tal escola. Nunca se teve notícia alguma de documento, relato ou qualquer registro da época de dom Henrique que se referisse ao funcionamento da suposta academia nesse local.

Em 1919, porém, uma pitada de mistério veio juntar-se ao enigma. Nesse ano, escavações arqueológicas revelaram a existência, no meio da fortaleza, de uma gigantesca forma geométrica constituída por um círculo e 48 linhas retas traçadas com montículos de pedras que convergem para o ponto central da circunferência. Até hoje, ninguém conseguiu decifrar o significado desse desenho. Alguns estudiosos interpretaram-no como sendo uma rosa dos ventos ou um relógio solar primitivo. Outros, de imaginação mais fértil, aventaram a hipótese de que as 58 linhas apontam para a direção do Brasil, dos Açores, da Índia e

se projeta mar adentro por quarenta quilômetros. Os fortes ventos e correntes marítimas permitiam que os navegadores viajassem em direção ao sul, rente à costa africana, mas jamais no sentido oposto.

Antes do século XV, o Bojador era uma espécie de barreira psicológica aos europeus. Lendas medievais diziam que, além desse ponto, haveria monstros, águas ferventes e o próprio Satanás à espera dos marinheiros mais incautos. Os mistérios que envolviam o local também explicariam o trágico destino dos irmãos genoveses Ugolino e Vadino Vivaldi, que, em 1291, cruzaram o Bojador em uma primeira tentativa de encontrar um caminho marítimo para a Índia — e de quem nunca mais se teve notícias.

A famosa barreira foi, finalmente, vencida em 1434 pelo português Gil Eanes, primeiro navegador a ultrapassar o Bojador e voltar para casa são e salvo. O segredo, percebeu ele, consistia em não resistir às fortes correntes que arrastavam os navios para o sul, junto à costa africana, impedindo-os de navegar na direção contrária. Em vez disso, era preciso se afastar do continente, até encontrar, em alto mar, ventos e correntes marinhas que fluíam no sentido oposto, rumo ao norte. Desse modo, era possível retornar a Portugal percorrendo um semicírculo no Atlântico.

E foi também assim, navegando mar adentro, deixando-se levar pelas forças invisíveis da natureza, que entre 1456 e 1460 os portugueses encontraram as dez ilhas do Arquipélago de Cabo Verde, situadas a cerca de quinhentos quilômetros da costa do hoje Senegal e até então completamente desabitadas. Nos vinte anos seguintes,